

Crise da Rural: Portella critica ação da reitoria

BRASÍLIA (O GLOBO) — O ministro da Educação, Eduardo Portella, manifestou ontem desagrado pela maneira como o reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arthur Orlando Lopes, está atuando para resolver a crise com estudantes e professores, e lamentou que o MEC não tenha poderes para intervir na crise.

Através de declarações de seu chefe de gabinete, Hélcio Ulhoa Saraiva, o ministro deixou claro que, se tivesse competência legal para intervir na universidade, já o teria feito, buscando, com a intervenção, restabelecer a ordem e os trabalhos na universidade. Mas a competência de intervir é do Conselho Federal de Educação, após inquérito administrativo.

A declaração do chefe de gabinete do MEC foi a seguinte:

— Quanto ao problema da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o que tenho a dizer é que o senhor ministro está, de maneira alguma, satisfeito com a atuação do reitor da UFRRJ.

— A atuação do reitor, segundo entende o MEC, não está de maneira alguma colaborando para a manutenção da ordem interna da universidade e para a solução dos problemas que se acumulam durante várias semanas, atuação essa que — entende o senhor ministro — destoa da atuação dos demais reitores das universidades brasileiras, que têm conseguido, através do diálogo e da procura de soluções, suplantarem problemas de conflito com os estudantes e professores.

— Especificamente no caso da UFRRJ, tivesse o senhor ministro competência legal para intervir na universidade, ele já o teria feito, buscando, com a intervenção, restabelecer a ordem e os

trabalhos da universidade. A competência de intervir é do Conselho Federal de Educação, após inquérito administrativo.

A SITUAÇÃO

A crise na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — que tem 4.500 alunos — começou em novembro do ano passado, com a demissão do professor Walter Motta, acusado pelo reitor de insuflar os estudantes contra a administração da entidade. Professores e estudantes consideraram o ato de demissão "arbitrário", dizendo serem falsas as alegações do reitor. Diante disso, os estudantes entraram em greve, o que surtiu pouco efeito, pois o ano letivo estava praticamente encerrado. Os professores, no entanto, resolveram manifestar seu protesto, retardando a entrega à reitoria dos créditos dos alunos (resultados de provas finais). A este movimento o reitor reagiu abrindo inquéritos administrativos e convocando a Polícia Federal para ouvir os implicados. A atitude do reitor provocou mais protestos de alunos e professores que, há cerca de dois meses, estão em greve.

Logo no início da greve, uma comissão de alunos procurou o ministro Eduardo Portella, pedindo que ele atuasse junto ao reitor, no sentido de este restabelecer um diálogo com professores e estudantes. Ao longo dos dois últimos meses o reitor Arthur Orlando Lopes esteve várias vezes no MEC, ora conversando com o ministro, ora conversando com o secretário de Ensino Superior, Tarcísio Della Senta. Desde o início o ministro Eduardo Portella manifestou-se contrário à presença da Polícia Federal na UFRRJ, por entender que não se tratava de caso para um inquérito policial. Além disso, deixou claro que uma universidade deve ter autonomia para resolver questões internas sem recorrer a elementos estranhos.

Professor demitido da Rural é reintegrado

BRASÍLIA (O GLOBO) — Uma comissão de professores e alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro comunicou ontem ao delegado regional do Ministério da Educação no Rio, Marcos Almir Madeira, a reintegração do professor Walther Motta, cuja demissão provocou o início da crise na instituição. Segundo a comissão, a decisão de reintegrar o professor foi tomada como medida capaz de superar os impasses dentro da Universidade.

O professor Walther Motta foi demitido pelo reitor Arthur Orlando Lopes, em novembro do ano passado, sob acusação de estar insuflando os estudantes contra a administração. Em solidariedade ao professor, seus colegas retardaram a entrega à reitoria das pautas de conceitos dos alunos (resultados finais de provas), o que provocou inquéritos administrativo e policial contra 83 docentes. Os estudantes entraram em greve em 19 de março, reivindicando o fim dos inquéritos e a reintegração do professor demitido.

DESAGRADO

O reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arthur Orlando Lopes, disse ontem não acreditar que o ministro da Educação, Eduardo Portella, tenha manifestado desagrado pela maneira como está atuando para resolver a crise com estudantes e professores, conforme declarou quarta-feira passada o chefe de gabinete do ministro, Hélcio Ulhoa Saraiva. Lopes informou que irá segunda-feira a Brasília para conversar com o ministro.

Para o reitor, a declaração de Saraiva "chegou no momento errado". Ele disse que o relacionamento entre a Universidade Rural, seu reitor e o ministro Portella "sempre foi o melhor possível".

O GLOBO Sábado, 3/ 5/ 80

O ESTADO DE S. PAULO QUARTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 1980

Intransigência causa advertência a reitor

Da sucursal de
BRASÍLIA

O chefe de gabinete do ministro da Educação, Hélcio Saraiva, fez ontem uma advertência pública ao reitor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Arthur Orlando Lopes, afirmando que "a posição de confronto só pode levar à desordem, enquanto o caminho do diálogo leva à ordem". Disse, ainda, que o ministro Eduardo Portella "não está nada satisfeito com a atuação do reitor, que evita o diálogo".

A Universidade Rural está em greve há dois meses, em consequência da demissão de

um professor e da abertura de inquéritos policiais para apurar o envolvimento e a solidariedade de outros docentes com o demitido. Mas a demissão foi considerada ilegal pela própria Consultoria Jurídica do MEC e o reitor vem mantendo uma atuação intransigente, já tendo sido chamado várias vezes a Brasília, sem nada resolver, e "colaborando para a manutenção da desordem e para a demora em se encontrar uma solução para os problemas". O chefe do gabinete do MEC disse, finalmente, que "se o ministro da Educação tivesse competência legal para intervir em uma universidade, ela já o teria feito".